

# O ANARCOSINDICALISMO E O ANARQUISMO

Relatório de Pierre Besnard ao Congresso  
Anarquista Internacional de 1937<sup>1</sup>.

Pierre Besnard, secretário da A.I.T.

## **Apresentação do relatório de Pierre Besnard**

A Associação Internacional dos Trabalhadores, à qual a CNT estava afiliada, realizou em Paris um plenário extraordinário de 11 a 13 de junho de 1937, pouco depois dos dias de maio em Barcelona. O relatório apresentado por Besnard (publicado em *Le Combat syndicaliste* de 11 de junho de 1937), que criticava a CNT, foi aprovado pela maioria das seções da AIT presentes.<sup>2</sup> Descontente, a CNT escreveu em agosto ao secretariado da AIT pedindo a destituição de Pierre Besnard, questionando sua “capacidade mental” para assumir

---

1 Disponível no original em francês:

<https://fr.anarchistlibraries.net/library/besnard-pierre-l-anarcho-syndicalisme-et-l-anarchisme>.

2 Para mais detalhes, veja David Berry, “Solidarité internationale antifasciste : les anarchistes français et la guerre civile d’Espagne”, <https://books.openedition.org/pupvd/35617?lang=fr>

David Berry mostra em seu estudo as divisões dentro do movimento anarquista francês entre União Anarquista, CGT-SR e Federação Anarquista Francesa sobre a questão do apoio aos libertários espanhóis.

suas funções como secretário-geral.<sup>3</sup> A crise aberta resultou em um congresso extraordinário da AIT convocado em Paris, de 6 a 17 de dezembro de 1937, onde a CNT conseguiu a demissão de Besnard e sua substituição por Horacio Prieto (CNT). Besnard então tornou-se secretário adjunto ao lado de Rocca (CNT, Espanha), Helmut Rüdiger (FAUD, Alemanha) e Das Neves (CGTP, Portugal).

Foi durante esse congresso que Besnard apresentou um relatório que, pela primeira vez, fazia referência *oficial* ao anarco-sindicalismo e o elevava ao status de doutrina. Neste texto, intitulado “O anarco-sindicalismo e o anarquismo. Tática e intervenção sindical”, ele explica que o anarco-sindicalismo tirava “sua doutrina do anarquismo e sua forma de organização do sindicalismo revolucionário”.

Dez anos após a publicação da “Plataforma”, Besnard inscreve-se em uma linha de pensamento que visa fortalecer a organização e a eficácia do movimento anarquista. Ao evocar a necessidade de uma maior coesão e de uma ação coletiva, as reflexões que ele nos fornece em seu relatório de 1937 apresentam a contrapartida, vista do ponto de vista anarco-sindicalista, das propostas da Plataforma, especialmente sobre a questão essencial das relações entre anarquismo e anarquismo-sindicalismo, e um complemento útil às análises de Maximov.

Besnard parecia esperar que o congresso resultasse na criação de uma Internacional Anarquista e que definisse seus relacionamentos com a Associação Internacional dos Trabalhadores. Para isso, Besnard se propõe a definir o anarquismo e o anarco-sindicalismo, determinar seus papéis

---

3 Besnard tinha acusado a CNT de ter criado um “divórcio profundo entre as massas proletárias e os responsáveis que elas encarregaram da defesa dos seus interesses”. (Ver os artigos “Atenção” e “Recuperação necessária” na Espanha Antifascista, CNT-FAI-AIT nº 13, 21 de outubro de 1936 e 14, 24 de outubro de 1936. David Berry, que cita as palavras de Besnard, escreve sobre o assunto: “A arrogância das acusações feitas e dos conselhos propostos pelo jornal levaram à sua supressão pela CNT em janeiro de 1937”.

respectivos, mostrar a identidade de suas finalidades e definir suas relações. Esse relatório constitui, de certa forma, cerca de dez anos após a publicação da Plataforma de Archinov, o equivalente sindical desta.

R.B.

26-05-2026

\* \* \* \* \*

## **Prefácio de A. Schapiro**

Quando, há cerca de meio século, os anarquistas russos foram os primeiros a erguer a bandeira do anarcossindicalismo, essa expressão foi recebida com certa frieza pelo movimento anarquista. E em 1917, logo após a queda do czarismo, que também marcou a véspera da Revolução de Outubro, os anarquistas comunistas mostraram-se excessivamente reservados, até mesmo hostis, em relação a essa nova formação anarquista.

O anarcossindicalismo não é uma doutrina. É a conjunção de uma doutrina determinada e de uma tática sindical igualmente determinada.

O sindicalismo revolucionário, tal como o conhecíamos na França antes da guerra, foi criado, por assim dizer, e desenvolvido por militantes anarquistas, por Pelloutier, por Griffuelhes, por Pouget. Mas, desde o seu surgimento, seus criadores e divulgadores, seus militantes, quiseram cercar esse movimento por uma muralha de neutralismo absoluto em relação a qualquer ideologia política ou filosófica. Lembremo-nos dos termos da Carta de Amiens...

Mas a luta de classes só pode ter um valor positivo se for construtiva em suas aspirações. Era necessário, portanto, dotar essa luta de um programa mínimo de reivindicações parciais do presente.

O anarcossindicalismo nasceu precisamente dessa necessidade — que os anarquistas acabaram por compreender — de acrescentar ao

programa do cotidiano um programa social que englobasse toda a vida econômica e social de um povo.

A Grande Guerra aplastou a Carta do neutralismo sindical. E a cisão no seio da Primeira Internacional entre Marx e Bakunin teve seu eco — quase meio século depois — na cisão historicamente inevitável no seio do movimento operário internacional do pós-guerra.

Contra a política de subordinação do movimento operário às exigências de partidos políticos denominados “operários”, um novo movimento, baseado na ação direta das massas, fora e contra todos os partidos políticos, surgiu das cinzas ainda fumegantes da guerra de 1914-1918. O anarcossindicalismo concretizava a única conjunção de forças e elementos capaz de garantir à classe operária e camponesa sua completa independência e seu direito inelutável à iniciativa revolucionária em todas as manifestações de uma luta sem piedade contra o capitalismo e o Estado, e de uma reconstrução, sobre as ruínas dos regimes derrubados, de uma vida social libertária.

O anarcossindicalismo complementa, então, o anarquismo comunista. Este último sofria de uma lacuna considerável que paralisava toda a sua propaganda: seu distanciamento das massas operárias. Para fazer penetrar nelas os princípios libertários e para lhes dar possibilidades de realização concreta, foi necessário organizar sindicatos e alicerçar neles o sindicalismo sobre bases libertárias e antiestatais.

Foi isso que o anarcossindicalismo fez, e é isso que continua a fazer.

Uma vez que o anarcossindicalismo existe como força organizadora da revolução social com base no comunismo libertário, os anarquistas comunistas devem ser, para a organização da revolução, anarcossindicalistas, e todo anarquista sindicalizável deve ser membro da Confederação do Trabalho anarcossindicalista.

Organizados, fora dos sindicatos, em suas federações ideológicas (ou “específicas”, se nos atermos à terminologia de nossos camaradas espanhóis), os anarquistas continuam sendo o fermento sempre em alerta que permite ao anarcossindicalismo que se construa, mas sem permitir que ele firme compromissos temerários.

Mas não se deve permitir que a orientação ideológica — que pressupõe que os “realizadores” estejam imbuídos do ideal dos “propagandistas” — se transforme em orientação efetiva. Até agora, e sobretudo após a guerra, os movimentos sindicais, tanto em nível nacional quanto internacional, sempre se encontraram a reboque de algum partido “operário” ou de uma Internacional “operária”. Não se deve permitir que o anarcossindicalismo, que hoje representa o movimento sindicalista revolucionário de ação direta e de reconstrução libertária, acabe, ao imitar o restante do movimento operário, ficando também a reboque de alguma organização “específica” — seja nacional ou internacionalmente. O erro seria tão irrevogavelmente fatal quanto foi para o movimento sindical de tendência reformista ou ditatorial.

A Federação Anarquista deve apoiar a Confederação Anarcossindicalista em sua obra de luta de classes e de reconstrução revolucionária, sem que para tal protagonize iniciativas ou assuma a direção.

Uma Internacional Anarquista, no âmbito internacional, não pode deixar de ser o espelho das Federações Anarquistas nacionais. Ela será o baluarte da A.I.T., mas não deverá tornar-se seu comandante em chefe.

Esses são os problemas que o anarcossindicalismo coloca diante do movimento anarquista e que Pierre Besnard aborda em seu Relatório. Sua solução lógica dependerá apenas da compreensão correta do passado, do presente e do futuro do movimento anarquista, de seus erros de ontem e dos riscos que comporta o amanhã.

30-05-1937.

A. SCHAPIRO.

# Anarcossindicalismo e Anarquismo

## Tática e intervenção sindical

Antes de abordar a questão submetida à análise do Congresso, parece indispensável dar algumas explicações prévias.

Constatemos, sem mais delongas, que se trata, na realidade, de definir da forma mais exata possível as relações entre o movimento Anarquista Revolucionário e as Forças Anarcossindicalistas ou, mais claramente ainda, entre a *Internacional Anarquista*, que o Congresso irá fundar, e a *Associação Internacional dos Trabalhadores* (A.I.T.).

E para resolver adequadamente essa questão, não é inútil, a meu ver:

1. Definir sucintamente e da forma mais precisa possível o anarquismo e o anarcossindicalismo;
2. Destacar suas características essenciais e determinar seus papéis respectivos;
3. Demonstrar a identidade das suas finalidades;
4. Determinar suas relações.

## I. – O que é o Anarquismo revolucionário?

O Anarquismo Revolucionário é um movimento cuja doutrina visa instituir uma vida individual e coletiva da qual o Estado, o governo e a autoridade serão excluídos.

A base de tal sociedade é, indiscutivelmente, o homem. O Anarquismo é, portanto, a afirmação de uma *reivindicação social permanente*, no presente, e infinita para o futuro, em um progresso indefinido. Ele pressupõe a edificação de uma

estrutura econômica, administrativa e social e deve defini-la desde já.

Estou convencido de que o Congresso não deixará de fazê-lo. Historicamente, o Anarquismo Revolucionário é o terceiro ramo do socialismo tradicional.

Ele é, em oposição aos outros dois ramos, *o Socialismo e o Comunismo* — ambos políticos, autoritários e estatistas —, apolítico, antiparlamentar e antiestatista.

Sua característica essencial é a liberdade, no âmbito da responsabilidade, tanto individual quanto coletiva.

Suas principais tarefas atualmente são: *a propaganda, a divulgação e a educação social das massas trabalhadoras, hoje; a administração social, amanhã.*

## **II. – O que é o Anarcossindicalismo?**

O Anarcossindicalismo é um movimento *orgânico* e organizado. Sua doutrina provém do Anarquismo e sua forma de organização, do Sindicalismo Revolucionário.

É a expressão *atual*, no plano econômico e social, da doutrina anarquista.

É também, no campo revolucionário, como comprova a própria experiência espanhola, o agente essencial de sua realização.

Ele é representado mundialmente pela A.I.T. e suas Centrais Nacionais.

Sua doutrina foi definida pelo Congresso constitutivo da 2ª A.I.T. (25 a 31 de dezembro de 1922), pelos congressos posteriores, pelas obras e pelos escritos de seus militantes.

A C.N.T. representa, na Espanha, o Anarcossindicalismo da A.I.T. Tanto na prática quanto historicamente, o Anarcossindicalismo é a forma orgânica que a Anarquia assume para lutar contra o capitalismo. Ele se opõe fundamentalmente ao sindicalismo político e reformista.

A substituição do conceito de classe pelo conceito de partido torna o Anarcossindicalismo uma necessidade para os trabalhadores, obrigados a defender suas condições de vida e a preparar sua emancipação econômica e social.

O movimento Anarcossindicalista permite conciliar a ação na luta reivindicativa cotidiana com as aspirações mais elevadas dos trabalhadores.

Ele realiza a união entre eles no duplo plano dos interesses materiais e morais, imediatos e futuros.

*Ele faz surgir, a partir da comunidade de interesses, a identidade de objetivos e, por consequência lógica e natural, a concordância das doutrinas.*

O Anarcossindicalismo, como toda doutrina verdadeiramente social, é essencialmente *experimental*.

Hoje, na Espanha, está comprovado que sua doutrina, consagrada e confirmada pelos fatos, é realizável imediatamente.

Experimental? Sim, como todos os movimentos sociais e todas as ciências.

Na sociologia, assim como na física, na química e na mecânica, *a ideia parte do fato para retornar ao fato.*

Sempre o fato precede a ideia e cria a doutrina, a filosofia, da qual surgirá a realização.

A doutrina, a ideia, o desejo de novas pesquisas para alcançar o objetivo são consequências de fenômenos constatados, que dão origem a leis aceitas por todos e que a experiência consagra.

## **Constatações históricas**

O que nos ensina, há séculos, a experiência social em todos os países e, particularmente, no mundo moderno?

- 1.** Que os indivíduos, no seio de sua própria classe, se unem cada vez mais com base em seus interesses;

2. Que as classes antagônicas buscam, por meio da eliminação de suas próprias contradições, realizar seu interesse geral; *os capitalistas*, por meio da instauração do capitalismo de Estado, cuja expressão mais característica é o fascismo; *os trabalhadores*, por meio da expropriação do capital, da supressão do salariedade, da abolição do Estado e da instauração do Comunismo Libertário;

3. Que os trabalhadores tentem, assim como seus adversários — infelizmente, seguindo os passos deles —, realizar a união e a síntese de todas as suas forças, porque compreenderam, finalmente, que as lutas decisivas que se desenrolam exigem, ao mesmo tempo: *a organização metódica, a coordenação, a ação maciça e ordenada dessas forças*; porque aprenderam a lição dos fatos e das experiências, que lhes indicam claramente que *a ação deve ser preparada, direta, geral e simultânea*;

4. Que a era das revoluções políticas chegou ao fim; que a hora da revolução social chegou, em toda parte; que nenhum partido ou agrupamento que não seja especificamente de classe, proletário, pode, devido à oposição dos interesses conflitantes de seus componentes heterogêneos, ser uma formação de combate revolucionária, uma organização de classe; que um patrão, mesmo que se declare socialista, comunista ou anarquista — o que de fato ocorre —, por mais que possa concordar ideologicamente com *seu operário no contexto de um grupo*[político], não tem, na verdade, nenhum interesse de classe em comum com ele, *assim que ambos se encontram na fábrica, no canteiro de obras, na oficina, no escritório etc. Na vida real, eles são* e continuam sendo: um, um patrão; o outro, um operário, com todos os antagonismos que essas situações comportam;

5. Que a única organização verdadeiramente de classe, capaz, ao mesmo tempo, por seu número, seu poder e os meios de que dispõe — e que, sozinha, pode mobilizar —,

de destruir o capitalismo e de realizar o comunismo libertário, é o *Sindicato*. É ele que já agrupa organicamente as forças manuais, técnicas e científicas — que reunirá ainda mais no futuro —, as quais garantem, em todos os momentos, a continuidade da vida social. O *Sindicato* é também a forma típica de agrupamento, a forma de associação livre e concreta que pode fornecer à sociedade comunista libertária as bases econômicas sólidas, indispensáveis à nova ordem que surgirá da revolução.

## **O Anarquismo revolucionário e o Anarcossindicalismo têm o mesmo objetivo**

A Carta da A.I.T. extraiu, a partir de todas essas considerações históricas, uma concepção que é comum a todos os anarcossindicalistas do mundo. A C.N.T., em acordo com a F.A.I., está tentando, neste exato momento, concretizá-la.

Essa concepção não implica, de forma alguma, que o anarcossindicalismo — antiestatista e federalista, não nos esqueçamos disso — pretenda ser *tudo* e que, por *outra*, nada mais deva existir ao seu lado.

O anarcossindicalismo considera, ao contrário, que os homens, embora não possam deixar de produzir para viver, não devem ter como único objetivo a produção. Ele admite com toda sinceridade, e não hesita em proclamá-lo, que o homem tem e deve ter outras aspirações — e as mais elevadas — em direção ao bem, o belo, o melhor, e isso em todos os domínios aos quais ele tem acesso com suas faculdades; que existam organismos administrativos e sociais adequados a todas as necessidades de uma vida plena, completa e total, funcionando com a colaboração esclarecida e sob o controle vigilante, constante e permanente de todos.

Ele admite indubitavelmente que os indivíduos têm o direito — ou melhor, o dever — de se autogovernar. Ele os convida formalmente a fazê-lo, já a partir de agora.

Da mesma forma, ele deseja ardentemente que os municípios se federem regionalmente, se confederem nacionalmente e que as confederações se associem internacionalmente, assim como os sindicatos e suas C.G.T.

Ele está até mesmo convencido de que isso é *indispensável* e está pronto para unir seus esforços e os de seus sindicatos aos esforços dos indivíduos em si mesmos, dos municípios federados, confederados e associados, a fim de realizar o *verdadeiro comunismo libertário*, que só pode ser obra do anarquismo. Aliás, declarei isso expressamente nesses livros, *Les Syndicats ouvriers et la révolution sociale* e *Le Monde nouveau*.

O acordo sobre a finalidade do comunismo libertário, entre os anarcossindicalistas e os anarco-comunistas, é necessariamente *completo, permanente e absoluto*.

Fica, portanto, claro e evidente que o lugar dos trabalhadores, dos explorados de todos os tipos, para os quais o anarco-comunismo é o ideal, só pode ser nos sindicatos anarcossindicalistas e em nenhum outro lugar.

*Sua doutrina torna isso um dever imperioso, preciso e inevitável.*

Aliás, esse é o melhor meio prático de concretizar a unidade de ação tão necessária ao movimento anarquista revolucionário moderno.

Somente na ação e por meio da ação é que os anarquistas recuperarão sua verdadeira *unidade de pensamento*; é que o movimento anarcossindicalista, desorientado há trinta anos, também recuperará seu equilíbrio e sua força; é que todos os anarquistas, finalmente, poderão considerar a revolução social como uma possibilidade próxima e uma realização possível.

## O papel dos grupos anarquistas e dos sindicatos

O que foi exposto acima nos leva, de forma natural e lógica, a considerar o papel dos grupos anarquistas e dos sindicatos.

Os anarcossindicalistas reconhecem plenamente que os grupos anarco-comunistas, mais ágeis do que as organizações sindicais, *prospectam* as massas trabalhadoras; que buscam novos membros e formam militantes; que realizam uma propaganda ativa e um intenso trabalho de proselitismo, com o objetivo de atrair para si — e, conseqüentemente, para os sindicatos anarcossindicalistas — à causa da revolução social o maior número possível de trabalhadores que, até então, haviam sido enganados e iludidos por todos os partidos políticos, sem exceção.

Essa tarefa *puramente ideológica*, esse trabalho de propaganda de *caráter moral*, são, incontestavelmente, de competência dos grupos anarco-comunistas, desde que se identifiquem com o trabalho dos sindicatos anarcossindicalistas, que o complementem e o reforcem, para o bem maior do comunismo libertário.

Mas declaro categoricamente que *a responsabilidade pela decisão, pela ação e pelo controle destas deve pertencer, neste momento, aos sindicatos, agentes de execução e concretização das tarefas revolucionárias.*

Considero igualmente que cabe a esses sindicatos apresentar todas essas tarefas, *nos planos econômico, defensivo e ofensivo.*

Por fim, considero que o sistema econômico, administrativo e social deve ser homogêneo e harmônico, e que a base desse sistema, *para ser real, sólida e duradoura*, só pode ser econômica.

Reivindico *como um direito* dos sindicatos o cumprimento das tarefas econômicas revolucionárias e pós-revolucionárias, pois a *organização da produção é a verdadeira função dos trabalhadores.*

Por outro lado, é lógico que os municípios, órgãos administrativos, seus serviços técnicos e sociais se encarreguem de distribuir a produção; de interpretar os anseios das pessoas no plano social, de organizar a vida em todas as suas manifestações. *A partir de agora, os grupos anarquistas têm o dever de preparar essas realizações revolucionárias.*

A tarefa de cada um dos organismos é, portanto, extremamente clara, perfeitamente delimitada. Ela será amplamente suficiente para acolher, em todos os planos, a atividade e os esforços de todos, de acordo com as atribuições reais de cada um.

Em nenhum momento — e dou a mais formal garantia disso — os sindicatos anarcossindicalistas poderão constituir um obstáculo ao avanço do comunismo revolucionário.

Em nenhum momento, tampouco, eles poderão se tornar reformistas, porque são e continuarão sendo revolucionários, federalistas e antiestatistas, porque visam, em suma, assim como os grupos anarco-comunistas, instaurar o comunismo libertário.

Para concluir esta parte da minha exposição, afirmo:

1. Que o movimento anarcossindicalista não pode se desviar, devido ao *controle permanente e rigoroso* que se exerce sobre as organizações e os militantes;
2. Que o movimento anarcossindicalista esgota, *no plano atual*, no âmbito revolucionário, os meios de realização do comunismo libertário. Que cabe aos grupos anarco-comunistas, *no plano exclusivamente ideológico*, levar a propaganda o mais longe possível;
3. Que o movimento anarco-comunista deve *se dedicar sobretudo às tarefas de propaganda e educação; de estudo e divulgação social;*
4. Que o *melhor contato permanente* que se possa estabelecer será, como na Espanha, por meio da adesão *sem restrições* de todos os anarco-comunistas, em todos os

países, aos sindicatos anarcossindicalistas, encarregados da preparação e da execução da ação, únicos capazes de levá-la a bom termo, com efetivos e meios suficientes; que a doutrina experimental do anarcossindicalismo, que é a do próprio anarquismo, é suficientemente sólida e firme para não correr o risco de qualquer ataque, atenuação ou desvio.

5. Que o anarco-comunismo, verdadeira expressão do socialismo, surgiu da total fragilidade de todos os partidos políticos; que o anarcossindicalismo, forma moderna e ativa desse movimento, ele próprio proveniente do anarquismo, cumpre atualmente todas as tarefas positivas do anarco-comunismo e prepara os caminhos para o comunismo libertário, do qual será o principal agente de realização; que as tarefas do anarco-comunismo — assim como as do anarco-sindicalismo — se esgotarão *no período pós-revolucionário*, quando os homens, por meio de sua evolução e do desenvolvimento de suas faculdades de compreensão, forem capazes de alcançar o comunismo livre, finalidade da anarquia...

Em resumo, o anarcossindicalismo é a força de luta necessária, no regime atual, para a realização econômica do comunismo libertário, no período pós-revolucionário.

O anarquismo apoia o movimento anarcossindicalista, sem se substituir a ele.

A atividade de seus militantes se confunde, nos sindicatos, com a dos militantes anarcossindicalistas.

Os dois movimentos devem, portanto, prestar-se ajuda mútua e permanente.

E, mais tarde, em paz, concórdia e harmonia, o anarquismo e o anarcossindicalismo, *fundidos em um mesmo movimento*, prosseguirão a realização do comunismo livre, objetivo supremo da anarquia.

A tarefa *mais urgente* do anarcossindicalismo hoje é organizar em seu seio os trabalhadores com vistas à luta decisiva contra o capitalismo; preparar tecnicamente essa luta, realizar a síntese das forças de produção para a construção revolucionária da ordem comunista libertária; e, *amanhã*, da organização econômica, e isso até a instauração do comunismo livre; defender, por fim, a revolução.

A missão do anarquismo revolucionário consiste em contribuir com todas as suas forças para a realização desses objetivos, por todos os meios de que dispõe.

## **Relações entre o anarquismo e o anarcossindicalismo**

É evidente que devem existir relações entre o anarquismo e o anarcossindicalismo, tanto no plano *nacional quanto no internacional*. A A.I.T., aliás, já havia previsto essa possibilidade desde seu Congresso constitutivo.

Essas relações devem basear-se na independência e na autonomia recíproca dos dois movimentos e manter-se *no plano da mais perfeita igualdade*.

Além da interpenetração dos dois movimentos, por meio da ação de seus militantes, é desejável que, em cada localidade, cada região e cada país, sejam estabelecidos contatos entre as organizações anarquistas e anarcossindicalistas.

Para serem fecundas e duradouras, essas relações deverão assentar nas bases da tolerância mútua, facilitada por uma identidade doutrinária em todos os planos e por uma compreensão exata das tarefas que incumbem aos dois movimentos.

Essas tarefas estão suficientemente definidas no presente relatório para não darem margem a confusões e sobreposições.

Mas essas relações só podem ser estabelecidas sob duas condições:

1. A unidade doutrinária dos anarquistas em cada país;

2. A unificação, também em cada país, dos grupos anarquistas, com base na doutrina única do anarquismo revolucionário.

## Conclusões gerais

Por mais que o Congresso e a A.I.T. desejem concretizar esses relatórios na prática, eles não poderão alcançá-lo, como exigem os acontecimentos, se essas duas condições não forem previamente cumpridas pelos movimentos anarquistas em cada país.

Teria sido infinitamente preferível, e também conforme aos nossos princípios conhecidos, que são os do federalismo, que *essa unidade de doutrina e essa unificação das forças anarquistas* fossem realizadas antes da celebração do Congresso que deve dar origem à Internacional Anarquista.

Em nome dos anarcossindicalistas que alcançaram esse duplo objetivo por meio da constituição da atual A.I.T., desde 1922, peço veementemente a todos os nossos camaradas anarquistas revolucionários que nos sigam por esse caminho.

Se todos aceitarem, a Internacional que surgirá deste Congresso merecerá o título que certamente lhe darão e que só pode ser: *A Internacional Anarquista Revolucionária* — e insisto nisso —, eles alcançarão esse objetivo sem dificuldade.

Basta, mas é necessário, que todos aceitem romper definitivamente com as forças, supostamente democráticas, tanto políticas quanto sindicais; que afirmem que o anarquismo revolucionário, por seus objetivos, seus meios de ação e sua doutrina, não tem nada e não pode ter nada em comum com essas forças ditas “democráticas”, que são, em todos os países, as melhores servas do capitalismo.

Se, levando esse gesto até seu limite, o movimento anarquista revolucionário romper também com todas as dissidências dos partidos políticos autoritários que, assim como seus partidos originais, têm apenas um desejo: *tomar ou retomar o poder*, o

movimento anarquista revolucionário e o movimento anarcossindicalista poderão caminhar sem medo e lado a lado em direção ao seu objetivo comum: a transformação social revolucionária por meio do estabelecimento do comunismo libertário, etapa necessária do comunismo livre.

Pierre BESNARD.  
Secretário-geral da A.I.T.

## **Sumário**

O anarcossindicalismo e o anarquismo.....	1
Prefácio.....	1
Anarcossindicalismo e Anarquismo.....	4
Tática e intervenção sindical.....	4
I. - O que é o Anarquismo revolucionário?.....	4
II. - O que é o Anarcossindicalismo?.....	5
Constatações históricas.....	6
O Anarquismo revolucionário e o Anarcossindicalismo têm o mesmo objetivo.....	8
O papel dos grupos anarquistas e dos sindicatos.....	9
Relações entre o anarquismo e o anarcossindicalismo.....	13
Conclusões gerais.....	13